

**DIAGNÓSTICO EDUCACIONAL SOCIOAMBIENTAL E A PEDAGOGIA
DIALÓGICA NO ASSENTAMENTO PEDRO INÁCIO DO MST - NAZARÉ DA
MATA – PE**

Marcos Moraes Valença marcosmoraesv@superig.com.br CEFETPE

Fernanda Ciandrini fcandrini@gmail.com CEFETPE

Maria José Gonçalves mazegoncalves@uol.com.br CEFETPE

Este trabalho traz como objetivo relatar intervenções de pesquisa-ação realizadas no Assentamento Pedro Inácio, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST – e relacionar com práticas de educação ambiental. Origina-se do Grupo de Pesquisa sobre Educação Ambiental e Movimentos Sociais, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco – CEFETPE, constituído por uma equipe multidisciplinar de docentes e discentes pesquisadores/as.

Desde outubro de 2005, o Grupo de Pesquisa sobre Educação Ambiental e Movimentos Sociais do CEFETPE vem investigando, através de uma pesquisa-ação, sobre questões educacionais e socioambientais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Na fase inicial de nossa pesquisa, apropriamo-nos da Pedagogia do MST, contactamo-nos, através de escritórios do Movimento, com sujeitos do Movimento que respondem por questões educacionais e socioambientais. Na fase seguinte, visitamos a Universidade de Pernambuco – UPE -, localizada no município de Nazaré da Mata, que oferece dois cursos para integrantes do MST – um, em nível superior e outro, em nível médio – , através de um convênio com o MST e o Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária – PRONERA . Atualmente, estamos fazendo um trabalho de intervenção com famílias do Assentamento Pedro Inácio.

O Assentamento Pedro Inácio, antigo engenho da Zona da Mata pernambucana, está localizado no município de Nazaré da Mata – Pernambuco, a aproximadamente, 60km de Recife. O nome deve-se ao fato dos antigos acampados terem sido mortos no processo de desapropriação da terra. Este assentamento, como nosso campo de pesquisa, foi indicado

pelo próprio Movimento por existir há oito anos e possuir um número considerável de pessoas – média de 850 - , formando um total de 125 famílias.

Por se tratar de uma pesquisa-ação, destaque-se Thiollent (2004) ao afirmar que:

“Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados.

Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados.” (p.16)

Visitas ao Assentamento Pedro Inácio

Realizamos visitas no referido assentamento nos dias 06 de junho, 05 e 12 de julho e 09 de agosto de 2006, durante manhã e tarde.

A seguir, iremos descrever duas oficinas que realizamos com objetivo de diagnosticar questões socioambientais e educacionais dos assentados:

Condições de vida no Assentamento: boa ou ruim?

No dia 05/07/2006, realizamos a nossa primeira oficina com o objetivo de fazer um diagnóstico das condições de vida no Assentamento, pautado na visão das mulheres.

Reunimos um grupo de 23 pessoas - 20 mulheres e 3 homens, que durou uma média de 1 hora e meia. Destaque-se a presença de três homens, ainda que o convite tenha sido dirigido às mulheres.

Iniciamos o trabalho com a apresentação individual, focando as atividades desenvolvidas no Assentamento e como é formada a família de cada pessoa. Pudemos perceber que as mulheres desempenham o papel de cuidar da casa, dos filhos e dos animais, sendo que algumas assumem também o papel na agricultura, responsabilizando-se por desenvolver suas parcelas¹.

¹ Na linguagem usual dos/as assentados/as significa o lote de terra que tomaram posse.

Em seguida, propusemos uma discussão orientada dividindo-os em três grupos batizados de "feijão", "macaxeira" e "milho" (culturas mais comuns no Assentamento) que refletiram sobre a vida no Assentamento a partir das questões:

- Como é a vida no Assentamento?
- É boa ou má? Por quê?

O tempo de discussão foi de trinta minutos e cada grupo elegeu um líder que teve a tarefa de sintetizar e expor para os demais, o resultado da discussão. Em todas as falas a condição de assentado, de ter a posse da terra e poder trabalhar nela para garantir, ao menos a subsistência, aparece como principal valor. Um outro aspecto relacionado à posse da terra diz respeito ao sentimento de autonomia, uma vez que não trabalham mais para "os outros". Destacaram também o privilégio da convivência em família, não referindo-se apenas ao núcleo familiar, mas ao Assentamento como uma "grande família".

"o relacionamento é bom, assim, é... como aqui é agrovila, isso aproxima mais as pessoas, todo mundo se conhece" (assentada)

A maioria dos/as assentados/as acha que a vida no Assentamento é boa. Justificam, como se pode observar nas falas:

"O que é bom é que o meu pai planta na parcela e divide o que ele colhe com a gente, se não a gente tava passando fome na cidade" (Assentada)

"Acho que é bom sim, porque a maioria tem um lugar digno para morar e trabalhar" (Assentada)

Mesmo considerando boa a vida no Assentamento, os/as assentados/as apontam algumas dificuldades. Destaque-se a precariedade na captação, transporte e distribuição da água,

pois numa área de, aproximadamente, 400 hectares funcionam apenas dois pontos de captação desse recurso, e o fato de que o projeto desenvolvido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA – no Assentamento fracassou, devido principalmente, ao atraso do financiamento em relação ao calendário agrícola, ao alagamento dos lotes, inviabilizando a safra das culturas definidas para a área (coco e limão).

Oficina de relações interpessoais socioambientais

No dia 12 de julho, havíamos planejado uma oficina sobre relações interpessoais socioambientais com os coordenadores do Assentamento, acordado, desde a semana anterior. Porém, de uma média de dez pessoas, apenas compareceram dois assentados - um deles, o coordenador geral do Assentamento. Os presentes levantaram a hipótese de que os outros não haviam comparecido por estarem cuidando, naquele período de chuva, da parcela - terra que possuem e cultivam. Decidimos transformar a oficina em entrevistas, destacando aspectos relacionados às relações interpessoais no assentamento Pedro Inácio. Dois aspectos foram destacados: o alcoolismo por parte de alguns assentados e a falta de cooperação entre os assentados.

Quanto ao alcoolismo, destaque-se que há comercialização da cachaça, dentro do próprio Assentamento. Porém, apesar deste ponto destacado, segundo a fala de um dos agricultores, os assentados podem chegar até a criarem conflitos, por ingerirem álcool, mas que, no dia seguinte, resolvem o conflito, de modo informal.

Observa-se que ao destacar a falta de cooperação no Assentamento, o coordenador exemplificou a construção da cocheira que posteriormente passou a servir para toda a comunidade - que, em sua maioria, não contribuiu na construção.

Destaquem-se as falas dos assentados:

"É, bebe muito, num interrompe a paz aqui da gente mas interrompe os trabalho dele, porque passa a semana bebendo sem se trabalhar "(Agricultor)

"Eu já tive necessidade de recuperar aquela coqueira mermo (sic) ali embaixo que tava caindo, um grupo coletivo, e eu fui negado pelos companheiro aqui"(Coordenador do Assentamento)

Observa-se que os assentados produzem para a subsistência e não se mobilizam para eventos culturais e/ou festividades, apesar do Assentamento já existir há oito anos. Por outro lado, um pequeno grupo de dez mulheres vem se reunindo e produzindo artesanato e roupas artesanais - apesar de dificuldades na sua comercialização.

Chama-se a atenção de que um trabalho voltado para a cooperação poderia contribuir para os assentados se organizarem, comercializarem produtos, criarem cooperativas, assim como para uma melhoria no convívio social e cultural.

Oficina sobre percepção ambiental

No dia 09 de agosto de 2006, realizamos uma terceira oficina com o intuito de diagnosticarmos a percepção ambiental dos assentados e assentadas. Participaram 11 pessoas.

Inicialmete, o grupo foi organizado em círculo onde foi entregue uma planta e cada um/a deveria passar para a pessoa da sua direita, fazendo uma comparação – ressaltando semelhanças e diferenças - entre a planta e a pessoa. Chama-se a atenção para o fato dos/as assentados/as terem unicamente elogiado uns aos outros, destacando o enraizamento, a resistência, a beleza, a delicadeza, a alegria,

Em seguida, o grupo foi dividido em quatro sub-grupos para discutirem o que compreendiam por meio ambiente. Tal atividade teve uma duração, aproximada, de vinte minutos. Cada grupo escolheu um/a representante para expor ao grande grupo o solicitado. Podem-se destacar algumas falas:

"A professora de R. falou que morava aqui e que tinha espécies de árvore que não existem mais, e até as cacimbas também mudaram, que antes tinha mais, que cada família tinha uma cacimbinha de beber, num é assim, né? E hoje em dia tem pouca." (Assentada)

"A gente quando falou de meio ambiente, não só ambiente fora, natureza, a gente falou de casa pra fora, comentou também que o ambiente, o meio ambiente está no lar (...) que se você limpa bem a casa, você tem um ambiente limpo, isso é meio ambiente." (Assentada)

Nessa oficina-diagnóstico elencamos temas que demonstram a compreensão deles/as sobre meio ambiente:

- ? O Homem
- ? Recursos Naturais – água, ar e solo
- ? Animais
- ? Arborização

Ao término desta oficina, o coordenador do Grupo de Pesquisa solicitou que os/as assentados/as sugerissem temas a serem abordados sobre questões educacionais socioambientais, com o intuito de serem trabalhados com a comunidade². Os temas sugeridos foram:

- ? Educação Ambiental
- ? Higiene Pessoal
- ? Drogas e DST
- ? Tratamento e racionamento da água
- ? Queimadas
- ? Agrotóxico

- ? Direitos e deveres do cidadão
- ? Ética

Este trabalho de intervenção, exigido por uma metodologia de pesquisa-ação, traz uma maior contribuição para a nossa coleta de dados e compreensão da vida cotidiana do Assentamento, da relação que possuem com a educação e o meio ambiente, ou seja, questões essenciais à sobrevivência, como a água, aspectos de limpeza, higiene e cuidado, quanto da ausência de tecnologias alternativas na produção agrícola. Por outro lado, percebe-se que essas oficinas-diagnóstico passam também a ser espaços-tempos para reflexão por parte dos assentados.

Freire(2006) diz que

" Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio 'eu', submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispuesse a constantes revisões. A análise crítica de seus 'achados'. A uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão. Que o identificasse com métodos e processos científicos. (p.97)

² O coordenador do Grupo de Pesquisa, professor do curso de Gestão Ambiental do CEFETPE , em seu planejamento de aula, prevê levar uma turma de, aproximadamente, 40 alunos/as mais o Grupo de Pesquisa para num dia de sábado fazer um trabalho de intervenção com oficinas voltadas aos aspectos interpessoais socioambientais.

Nessas oficinas-diagnóstico estamos tendo a oportunidade de intervir na realidade, através de uma pedagogia dialógica, oportunizando um processo de reflexão coletivo com o intuito de melhoria da qualidade de vida. Destaque-se a escuta como atitude indispensável para efetivar o diálogo. Thiollent(2004) alerta que: " ... a atitude dos pesquisadores é sempre uma atitude de escuta e de elucidação dos vários aspectos da situação, sem imposição unilateral de suas concepções próprias. (p.17)

Educação Ambiental numa perspectiva crítica

Destaque-se que este trabalho de intervenção, nesta fase de diagnóstico educacional socioambiental, que estamos realizando no Assentamento, através de oficinas, confundem-se com práticas de educação ambiental. Primeiramente, gostaríamos de assumir o que compreendemos por educação ambiental. Segundo Loureiro(2004),

" Tratamos da Educação Ambiental definida no Brasil a partir de uma matriz que vê a educação como elemento de transformação social inspirada no diálogo, no exercício da cidadania, no fortalecimento dos sujeitos, na superação das formas de dominação capitalistas e na compreensão do mundo em sua complexidade e da vida em sua totalidade. Diálogo entendido em sentido original de troca e reciprocidade, oriundo do prefixo grego *dia*, tornando-se a base da educação. Numa perspectiva transformadora e popular de Educação Ambiental, nos educamos dialogando com nós mesmos, com aquele que identificamos como sendo de nossa comunidade, com a humanidade, com os outros seres vivos, com os ventos, as marés, os rios, enfim, o mundo, transformando o conjunto das relações pelas quais nos definimos como ser social e planetário. (p. 24)

Freire(1987) destaca:

“... o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes.” (p. 79)

Sabe-se da necessidade da teoria com a prática para intervir de fato na realidade. Acredita-se que essas oficinas vêm provocando mobilizações, por parte dos/as assentados/as. Concorda-se com Guimarães(2003) ao chamar a atenção que no processo de Educação Ambiental deve-se associar a reflexão com a ação:

" Para vivenciar as contradições existentes na realidade, realizar a potencialidade do ser através das relações políticas, sociais e com o meio ambiente, é que se faz necessário em um processo de EA associar a atitude reflexiva com a ação, a teoria com a prática, o pensar com o fazer, para realizar um verdadeiro 'diálogo', como bem define Paulo Freire em sua proposta educacional; ou seja, ter a práxis em EA. Apenas a ação gera um ativismo sem profundidade, enquanto apenas a reflexão gera uma imobilidade que não cumprirá com a possibilidade transformadora da educação, já dizia Freire ." (p. 32)

A Pesquisa-Ação como opção metodológica

Acredita-se que a ciência se aproxima da verdade. Através de uma abordagem qualitativa, optamos por uma pesquisa social. Segundo Thiollent(2004):

"A observação social adquire um aspecto de questionamento que, no caso da pesquisa-ação, não é monopolizado pelos pesquisadores, já que a função normal do pesquisador é fazer perguntas e recolher as respostas dos 'investigados'. No caso que nos interessa aqui, os membros representativos da situação-problema sob investigação nunca são considerados como meros informantes. Também desempenham uma função interrogativa, fazendo perguntas e procurando elucidar os assuntos coletivamente investigados." (p. 98)

Portanto, tratam-se de sujeitos sociais participativos no processo de investigação. Nesse processo, viabilizado pelo diálogo, a pesquisa-ação, segundo o mesmo autor:

"... é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (...) Nesse caso, a pesquisa-ação é vista como forma de engajamento sócio-político a serviço da causa das classes populares." (p. 14)

Considerações Finais

As intervenções decorrentes da pesquisa-ação, por intermédio das oficinas-diagnóstico, que vêm sendo realizadas no assentamento Pedro Inácio, caracterizam-se como práticas de educação ambiental, por serem problematizadoras, interferindo na realidade, com intuito de modificá-la, envolvendo sujeitos diversos, construindo, de forma coletiva, um conhecimento sobre aspectos educacionais e socioambientais.

Sabe-se que estamos ainda na fase de diagnóstico educacional socioambiental, porém, vem-se percebendo que, através da pesquisa-ação, com as oficinas relatadas neste trabalho, estamos realizando um diálogo construtivo – escutando e respeitando os sujeitos pesquisados e sendo escutados por esses - que vem provocando uma intervenção no cotidiano do Assentamento (processo de reflexão e ação). Há muitas questões educacionais socioambientais a serem desenvolvidas, mas, acredita-se nas palavras de Caldart(2004), ao afirmar que:

"O trabalho na terra, que acompanha o dia-a-dia do processo que faz de uma semente uma planta e da planta um alimento, ensina de um jeito muito próprio que as coisas não nascem prontas, mas, sim, que precisam ser cultivadas; são as mãos do camponês, da camponesa, as que podem lavrar a terra para que chegue a produzir o pão. Este também é um jeito de compreender que o mundo está para ser feito e que a realidade pode ser transformada, desde que se esteja aberto para que ela mesma diga a seus sujeitos como fazer isto, assim como a terra vai mostrando ao lavrador como precisa ser trabalhada para ser produtiva." (p.100)

Referência Bibliográfica

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salet; MOLINA, Mônica Castagna(org). Por uma educação do campo.Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 29ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra., 2006.

_____. Pedagogia do Oprimido.18ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUIMARÃES, Mauro. A dimensão ambiental na educação. 5ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Trajetória e fundamentos da educação ambiental.São Paulo: Cortez, 2004.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2004.